

Zélia Gattai

Zélia Gattai



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Salvador
2023



Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente

Arthur Guimarães Sampaio

Diretora-executiva

Angela Fraga

Agradecimento especial:

Esta publicação foi possível graças à sensibilidade da Deputada Lídice da Matta ao dedicar a emenda parlamentar que resultou no Termo de Fomento 903456/2020.



Zélia Gattai, posse na Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 2001

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

Bete Capinan

Coordenação editorial

Leo Dantas

Capa e projeto gráfico

Pesquisa

Bruno de Souza Fraga

Karina Ribeiro Barbosa

Marina Ramos Amorim

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F981z Fundação Casa de Jorge Amado
Zélia Gattai / Fundação Casa de Jorge Amado. – Salvador : Casa
de Palavras, 2023.

60 p. : il. color.

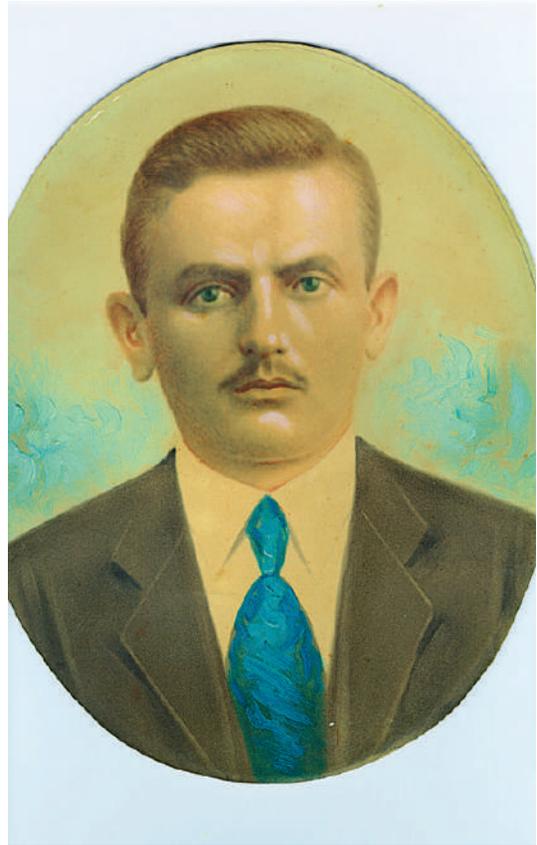
ISBN 978-65-993424-8-6

1. Gattai, Zélia, 1916-2008 – Biografia. 2. Literatura brasileira.
I. Título.

CDD 921



Angelina Da Col



Ernesto Gattai

Zélia nasceu a 2 de julho de 1916, em São Paulo. Filha dos imigrantes italianos Angelina Da Col e Ernesto Gattai.

Ernesto Gattai chegou ao Brasil em 1890, com seus pais, anarquistas toscanos de Florença, e vários irmãos, todos crianças, integrando o grupo de revolucionários que fundaram a célebre Colônia Cecília, experiência anarquista em terras do Paraná doadas pelo imperador Pedro II. Era o sonho de uma sociedade sem leis, sem religião, sem propriedade privada.

A família de Angelina Da Col, de Perarolo, região do Vêneto, católica, tinha vindo substituir a mão-de-obra escrava numa fazenda de café em Cândido Mota, no interior de São Paulo, trazendo cinco filhos ainda crianças.

Ernesto e Angelina, ambos operários, conheceram-se em São Paulo, em festas proletárias, e logo se casaram. Ela, operária têxtil, apenas havia comple-



Alameda Santos, São Paulo, começo do século XX

tado quinze anos; ele, mecânico, dezoito. Tiveram cinco filhos: Remo, Mário (apelido Tito), Wanda, Vera e Zélia, a caçula. Desde cedo, dona Angelina tinha previsto: — Zélia nasceu com a estrela, menina de sorte!

Num casarão antigo, situado na Alameda Santos número 8, nasci, cresci e passei parte de minha adolescência.

Com o nascimento de Remo, dona Angelina abandonou a fábrica de tecidos onde trabalhava no Brás. Seu Ernesto tinha se tornado “conductor de carro automóvel” e, durante os dois anos em que trabalhou de motorista para a família Prado, morando com a mulher e o filho em apartamento sobre a garagem, no jardim do palacete dos patrões, em Higienópolis, conseguiu economizar algum dinheiro. Passou a cuidar de consertos de automóveis, até que alugou o imóvel da Alameda Santos para viver com a família, acrescida de três filhos, e abrir uma oficina mecânica.



Zélia, com o irmão Tito, no Jardim da Luz, São Paulo, 1919



Ernesto Gattai no Motobloc, enfeitado, comemora a volta da primeira viagem São Paulo — Santos — São Paulo, 1910

Em feito inédito, no ano de 1910, Ernesto Gattai, pilotando o seu Motobloc, realizou a primeira viagem ida e volta São Paulo — Santos — São Paulo. Na bagagem, facões, machados, pá e picareta para abrir caminho na mata densa. A reputação do “intrépido” automobilista cresceu.

São Paulo era uma cidade tranquila, com ruas iluminadas a lampiões a gás e sem um único arranha-céu. Acionados por manivelas, apareciam os primeiros automóveis, impondo novos barulhos à cidade. As violentas explosões que desprendiam gases e fumaça e os estridentes fonfons de buzinas assustavam os pacatos moradores. Naquela época, a velocidade máxima permitida era de 20 quilômetros por hora, nas estradas.

Para a menina Zélia, o maior divertimento era ouvir histórias, nada se comparando com a riqueza que a imaginação permitia. Também o cinema, àquele tempo ainda mudo, o circo e o parque a alegravam.



Wanda, Vera, Tito, Zélia e Nilsen (amiga)

No cinema, em sequência à comédia, era exibido um seriado, um pedacinho por semana, sempre parando no momento de maior suspense. A sessão continuava com o banguê-banguê, o mocinho recuperando tesouros roubados das diligências e ganhando um beijo da mocinha no final. Tom Mix era o herói. O último filme da sessão era um drama romântico, para deleite das mulheres e enfado das crianças. Embora raro, o circo entusiasmava a garotada que se misturava à multidão ao ouvir a banda alegre e contagiante. Palhaços como Piolim eram ídolos das crianças. O cortejo colorido exibia elefantes, trapezistas e cãesinhos amestrados. Também emocionava a criançada a ida ao parque, com carrossel e roda-gigante. Cães abandonados ou escorraçados por moleques de rua entravam pelo portão sempre aberto da casa, e dona Angelina, apiedada, os recolhia para divertimento das crianças. Por lá passaram o vira-lata Flox, que viveu oito anos com a família, Zero-Um, e a cadelinha de raça maltesa, Picolina. Também o cabritinho Bito e o gato Ministro.

Aos oito anos, Zélia começou os estudos escolares na Escola Sete de Setembro, da professora leiga e vizinha. Já tinha aprendido em casa o alfabeto e mais algumas coisas, com facilidade, sem ninguém ensinar. Sendo tão liberais, talvez seus pais tenham demorado em matriculá-la com receio de maus-tratos e até de castigos corporais aplicados pelos professores da época.

Embora sem estudos, o casal tinha gosto apurado pelas artes e pela literatura. Ávida leitora, dona Angelina era apaixonada por teatro, romance e poesia. Já seu Ernesto amava a ópera e a opereta, proporcionando à filha caçula idas ao teatro para assistir às óperas de sua predileção. A primeira vez que Zélia pisou no Teatro Municipal para assistir de camarote à ópera *Aída*, de Verdi, produziu na menina tanto encantamento, que se tornou um acontecimento inesquecível.

Na casa da Alameda Santos eram comuns noitadas musicais, quando seu Ernesto fazia concurso para ver quem descobria primeiro o nome da ópera e da ária do disco que colocava no gramofone. A família possuía toda a coleção de discos de óperas interpretadas por Enrico Caruso, além das canções italianas e brasileiras apreciadas por dona Angelina. Nessas noitadas, seu Ernesto tocava bandolim e cantava *stornelli*, uma espécie de desafio toscano.

Dona Angelina costumava preencher as tardes reunindo em casa algumas vizinhas interessadas em romances de folhetim. Enquanto faziam tricô e crochê, Wanda e Vera se revezavam na leitura dos novos fascículos, que eram comprados em número de quatro por semana.

Leitora de Victor Hugo, Zola, Kropotkin, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, seu Ernesto se perguntava como é que Angelina podia também gostar dessas bobagens de folhetins. Não encontrava explicação. Mas a esposa respondia que os romances em fascículos distraíam-na.

Desde cedo, Zélia ficou fascinada com *A divina comédia* de Dante Alighieri, em belíssima edição italiana ilustrada. Descobriu a preciosidade no esconderijo das coisas proibidas de dona Angelina, o seu guarda-vestidos, o único móvel da casa a ter chave. Zélia ainda não sabia ler, gostava era mesmo das ilustrações.



Zélia, dona Angelina e uma amiga

Com outros italianos, seu Ernesto criou uma concessionária do automóvel Alfa Romeo, a Sociedade Anônima Gattai. Entrou na sociedade com sua oficina mecânica, seu nome e seu trabalho. O negócio prosperou, ele admitiu operários especializados, comprou máquinas e ampliou a oficina. Por esse tempo, associou-se também a outros italianos na importação de alimentos, melhorando a qualidade do que era servido à mesa da família: azeite de oliva, azeitonas, queijos, latas de atum, salames variados e vinhos.

A Revolução dos Tenentes, em 1924, porém, arruinou os negócios de seu Ernesto. Dos quatro automóveis importados para venda, dois foram requisitados e jamais devolvidos pelos revoltosos; os dois restantes ficaram encalhados devido à crise geral. Enquanto isso, o altíssimo aluguel da loja continuava correndo. A palavra crise era ouvida por toda parte. Parecia que ninguém dispunha de dinheiro, ninguém consertava os automóveis, ninguém os comprava.

A Bugatti havia entrado com força no mercado, concorrendo com a Alfa Romeo, e a idéia das competições automobilísticas parecia uma forma de reagir à crise. Decidiu-se então que a Sociedade competiria numa prova automobilística com um carro preparado e pilotado por Ernesto Gattai. Era o seu retorno às disputas automobilísticas ao volante de uma baratinha vermelha com capô prateado, motor incrementado, resultado da transformação de seu automóvel pessoal em carro de corrida. Dava-se início às corridas de automóveis na cidade de São Paulo.

A cada nova prova realizada e vencida por Ernesto Gattai, aumentavam as manchetes na imprensa: “A prova da rampa teve mais uma vez como vencedor Gattai, o Pulso de Ferro!”.

Para receber a taça de campeão na prova automobilística, Ernesto Gattai foi festejado no salão de recepção do Parque Antártica. Foi com grande excitação que Zélia voltou ao Parque usando vestido novo, rosa pálido, de saia plissada e sapatos rasos de verniz, com um metro de fita chamalote prendendo os cachos dos cabelos. Toda a família se fez chique para a ocasião. Insatisfeito com o resultado da última prova, o piloto Lage, da Bugatti, pediu revanche ao vencedor, e naquele dia anunciou-se nova competição.

Dessa segunda vez, o desafio seria maior, devido às péssimas condições da estrada de barro batido. Aproximava-se o dia da corrida na estrada São Paulo-Tatuí, e o temor da família se justificou quando a notícia do acidente chegou à casa da Alameda Santos: Ernesto Gattai encontrava-se hospitalizado, em coma. Dois meses depois teve alta.

A convalescença foi lenta, estendendo-se por mais de um ano. Ainda assim, ele comandava a oficina mecânica, sentado numa cadeira, ensinando e orientando. À noite, depois de feitas as lições da escola, Zélia lia o jornal em voz alta para o pai, que não podia mais fixar a vista, por sentir dores de cabeça. Ela conta: *Para animar um pouco a leitura inventei ler as notícias da Itália com sotaque italiano; de Portugal, com acento português; da Alemanha, com sotaque alemão e assim por diante.*



Carteira de piloto de corrida de Ernesto Gattai

Sempre às voltas com reuniões políticas, conferências e atos de solidariedade, seu Ernesto costumava arrastar os filhos às Classes Laboriosas, salão de festas e conferências no centro de São Paulo, frequentado pelas massas trabalhadoras e por intelectuais. As festas de que Zélia mais gostava eram as de Primeiro de Maio, quando se comemora o Dia Mundial do Trabalho.

Ali vendiam-se jornais, faziam-se rifas de objetos e de livros em benefício dos próprios jornais e para o aluguel do salão. Naquela ocasião, um assunto que mobilizava os trabalhadores era o movimento mundial em prol da inocência dos prisioneiros Sacco e Vanzetti. Zélia se integrou ao grupo de vendedoras e participou das atividades artísticas.

Em seguida à escola vizinha de sua casa, Zélia matriculou-se por conta própria no Grupo Escolar da Consolação, onde seus irmãos haviam feito o curso primário. Mais distante de casa, a ida à escola obrigava-a a atravessar

uma porção de ruas movimentadas, mas isso era exatamente o que a atraía. Ao tomar a iniciativa e entregar o cartão da matrícula, ouviu de dona Angelina: — Que menina mais atrevida!

Zélia destacou-se no Grupo Escolar, recebendo como prêmios os mais belos livros de história: *Contos dos Irmãos Grimm*, *Histórias da Carochinha*, *Contos de Andersen*, *Aventuras de Narizinho* e outros.

Despediu-se da escola, ao encerramento da quarta série, como oradora da turma, na presença do diretor geral da Instrução Pública de São Paulo. Uma semana depois...

Mal nos sentáramos para almoçar quando apareceu seu João, servente do grupo escolar. Trazia recado do Diretor, convocando papai a comparecer comigo ao seu gabinete às três horas daquela tarde.

— *Você andou fazendo alguma bobagem na escola? — foi a primeira pergunta de papai, bastante incomodado com a convocação.*

Não, eu não me lembrava de nada que pudesse ser considerado falta grave.

Às três horas em ponto, entrava o pai com a filha pela mão no gabinete do Diretor. Seu Olívio nos recebeu sorridente, estendendo a mão a papai. “Graças a Deus! — pensei — não deve ser coisa muito ruim...”

Em primeiro lugar quero lhe felicitar — foi dizendo o Diretor.

— *Sua filha acaba de ser destacada como a melhor aluna que tivemos em nossa escola, nestes três últimos anos.*

Olhei para papai: um leve arrepio no rosto esfogueado. Sem saber o que dizer, encabulado perguntou:

— *A Zélia?*

— *Claro que é a Zélia! — riu o Diretor diante do pai aturdido.*

— *Acabamos de fazer, sob a orientação da Secretaria de Educação, um levantamento em todos os grupos escolares da Capital, para destacar, entre os alunos, os melhores em comportamento, aplicação e assiduidade. Esse plano visa a incentivar o estudo entre as crianças que frequentam as escolas públicas. Sua filha foi a vencedora em nossa escola. Como prêmio, seu retrato e uma pequena biografia serão publicados no O Estado de São Paulo.*



ESPERANÇAS DO BRASIL



ZELIA GATTAI
Filha do sr. Ernesto Gattai e de d. Angelina D'Acól Gattai, residente á alameda Santos, 9.
Nasceu nesta capital a 2 de Julho de 1916. Matriculou-se no 2.o anno do grupo escolar da Consolação em 1926. No corrente anno alcançou a média mais alta entre as 65 diplomadas, facto aliás já verificado nos annos anteriores. Foi sempre a que mais se distinguiu entre as companheiras de classe. O seu comportamento exemplar condiz com sua applicação e assiduidade.



Zélia e seus colegas, 1928
Jornal O Estado de São Paulo
Zélia aos 11 anos



Ernesto Gattai com família e amigos

Tão surpresa fiquei que perdi a voz, uma esperança repentina a tomar conta de mim. E se além do glorioso retrato no jornal eles me dessem também matrícula grátis num Ginásio? Tive uma vontade enorme de perguntar: “Vou poder continuar a estudar?”

Minha voz não saiu, a timidez e a emoção me inibiram. Esperei ainda que seu Olívio estivesse guardando a surpresa para o final da conversa, mas qual!

Seus pais entendiam que, terminado o Grupo Escolar, ela já tinha aprendido o bastante. Havia sido assim com Wanda e Vera, seria também com a caçula. A tarefa deles dali para frente era prepará-las para o casamento, tornando-as moças prendadas.

No entanto, Zélia conseguiu uma forma de prosseguir os estudos por mais um ano, numa escola católica gratuita, sem nome, em um anexo de famoso colégio de meninas ricas de São Paulo. Debruçadas sobre finas cambraias, as



Zélia, aos 16 anos, 1932, com Déa e Wanda

alunas bordavam para as freiras, que recebiam muitas encomendas. Ali poderia obter conhecimentos gerais e aprender a falar francês e bordar, pensou, mas logo Zélia se cansou de bordar para as freiras.

Intensificando as leituras, decidiu aprender por conta própria “na escola da vida”. Da estante de dona Angelina, Zélia leu Zola, Victor Hugo, Alexandre Dumas, decorou Castro Alves e poemas em italiano. Descobriu a literatura brasileira de José de Alencar, Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Machado de Assis...

Foi o legendário líder anarquista Oreste Ristori, velho amigo de sua família, quem lhe falou pela primeira vez em Jorge Amado. Emprestou-lhe, um dia, um exemplar autografado de *Cacau*, com recomendação de que tomasse conta e devolvesse logo. Contou-lhe que tinha conhecido o jovem escritor há pouco e estava empolgado com o jovem inteligente. Zélia tinha então dezessete anos.

A Grande Depressão que se seguiu à queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, tinha agravado o desemprego, a miséria e a fome no mundo capitalista. Por outro lado, sob a liderança dos comunistas, o proletariado tinha se fortalecido, junto à consolidação da União Soviética e ao processo de construção do socialismo. Nessa conjuntura, surgiram o fascismo e o nazismo.

Em 1933, na Alemanha, chegaram ao poder Hitler e o nazismo. À ascensão do nazi fascismo, cresceu a luta antifascista no mundo, mobilizando os Gattai, que se afastaram, aos poucos, da utopia anarquista, deixando de frequentar as reuniões anarquistas nas Classes Laboriosas e na Lega Lombarda.

Com a insatisfação generalizada diante dos rumos do governo Getúlio Vargas e a Revolução de 30, formou-se no Brasil, no início de 1935, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma frente política de luta contra o imperialismo, o fascismo e o integralismo (modalidade brasileira do fascismo), com a participação de amplos setores da sociedade. Em menos de quatro meses, tempo que permaneceu na legalidade, cerca de 1.600 comitês foram organizados em todo o país!



Zélia e Vera



Zélia com amigas, 1940

O prestígio político e a liderança de Luiz Carlos Prestes, o “Cavaleiro da Esperança”, aclamado presidente de honra da ALN, fora fundamental para o crescimento da Aliança. Este foi um período de grande participação popular, com manifestações, comícios, congressos e passeatas.

Aos dezenove anos, em 1936, Zélia casou-se com o intelectual militante do Partido Comunista, Aldo Veiga, com quem teve seu primeiro filho, Luiz Carlos, em 12 de agosto de 1942, nome dado em homenagem ao Cavaleiro da Esperança.

Fez amigos no meio intelectual e artístico: Oswald de Andrade, Lasar Segall, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Carlos Scliar, Aldo Bonadei, Clóvis Graciano, Pancetti, Portinari, Vinicius de Moraes, entre outros.

Em 10 de novembro de 1937, teve início a ditadura do Estado Novo, instaurado por golpe de Estado liderado pelo presidente Getúlio Vargas, fechando o Congresso Nacional e outorgando uma nova Constituição, de



Zélia com Luiz Carlos, 1944

tendência fascista. A partir daí, Vargas impôs a censura aos meios de comunicação, reprimiu a atividade política, perseguiu e prendeu inimigos políticos.

Ernesto Gattai havia frequentado alguns comícios da Aliança Nacional Libertadora, mas foi a denúncia de que era um homem de confiança do Partido Comunista e transportava Prestes, o que ocasionou a batida policial à sua casa numa madrugada de 1938, e sua prisão. À procura de Prestes e Olga Benário, a polícia de Vargas suspeitou de colaboração do mecânico com o casal comunista.

Não saíram da batida sem a apreensão do que consideraram “o fardo material subversivo”: uma velha espingarda de caça e livros da pequena biblioteca de dona Angelina com encadernação vermelha, a cor proibida.

Depois de passar mais de um ano no cárcere, Ernesto Gattai, debilitado em consequência dos maus-tratos e das torturas sofridas, foi acometido de febre tifoide e faleceu aos 54 anos, em março de 1940.



Ao morrer, seu Ernesto dirigiu à caçula suas últimas palavras:

— *Minha filha, você é a minha esperança...*

A confiança depositada pelo pai e a revolta de vê-lo morrer de tal maneira, despertaram em Zélia o desejo de lutar contra a ditadura e as injustiças. Passou a engajar-se mais na luta política.

A realização do I Congresso Brasileiro de Escritores, reunindo, em São Paulo, intelectuais de renome em janeiro de 1945, representava uma corajosa manifestação de oposição ao governo Vargas. Chefando a delegação baiana, estaria o romancista Jorge Amado.

Admiradora do escritor desde seu primeiro livro, Zélia vinha acompanhando os seus passos políticos: o exílio na Argentina e no Uruguai, as prisões em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, a queima de seus livros em praça pública, o confinamento em Salvador. Ao saber que o corajoso autor do proibido *Vida de Luiz Carlos Prestes*, o Cavaleiro da Esperança estaria na cidade, ela procurou participar das atividades desde a abertura do Congresso no Teatro Municipal. Era natural que encontrasse ao acaso o escritor de sua admiração.



Zélia, 1945

Terminado o Congresso, Jorge Amado fixou residência em São Paulo, onde, ao lado de outros intelectuais, buscava arregimentar o povo na luta pela democracia, organizando um grande movimento de massas de apoio às forças aliadas e pela anistia dos presos políticos. Já separada do marido, Zélia continuava atuando no movimento antifascista, conciliando as obrigações caseiras de mãe de filho pequeno com a militância política.

Naqueles dias, Jorge Amado comandou a organização de um grande comício para Luiz Carlos Prestes, que saía da prisão. A chegada do poeta Pablo Neruda a São Paulo, a fim de participar do comício, era aguardada com entusiasmo. Esperava-se que ele declamasse um poema em homenagem a dona Leocádia, mãe de Prestes.

Zélia apresentou-se ao local onde foram formadas as comissões de trabalho do Comitê pela Anistia, recém-instalado em ampla loja vazia no centro de



Jorge Amado e outros amigos recepcionam Pablo Neruda, na chegada a São Paulo

São Paulo. Foi percebida por Jorge Amado, dirigente do setor de divulgação, que, ao vê-la, a requisitou de maneira resoluta.

Acompanhei-o ao fundo da loja, onde uma máquina de escrever estava desocupada sobre uma velha escrivaninha.

— Ponha uma folha de papel na máquina que eu vou ditar uma nota para ser distribuída aos jornais — ordenou o patrão.

O sangue subiu-me ao rosto:

— Eu não sei escrever à máquina... — confessei a custo.

— Não sabe? Mas que moça mais inútil!...

Desabituada àquele tipo de brincadeira, encabulei, humilhadíssima.

Percebendo meu desapontamento, Jorge tratou de me desanuviar:

— Não vá pensando que não tem mais o que fazer. Temos muito trabalho pela frente.

Hospedado com Jorge Amado, de quem era velho amigo e compadre, encontrava-se em São Paulo, naquela ocasião, o compositor Dorival Caymmi. Durante uma



Jorge e Zélia com Dorival Caymmi, Casa do Rio Vermelho, Salvador 1964

recepção às vésperas do comício, enquanto Zélia distraiu-se por um momento com amigos no jardim da casa, Jorge levou-a pela mão até a sala onde grande assistência ouvia o cantor dos mares da Bahia acompanhado de seu violão. Depois de cochichar algo ao ouvido do compadre, Jorge lhe confidenciou: — *Eu não sei cantar, pedi a Caymmi que cante por mim.* E Caymmi, com olhar conivente, soltou a voz:

Irremediavelmente conquistada, Zélia ainda mereceu naqueles dias duas outras homenagens, como originais presentes de núpcias: uma tela de Pancetti e uma chuva de cravos. A cena,

Acontece que eu sou baiano;
Acontece que ela não é
Mas... tem um requebrado pro lado
Minha Nossa Senhora!
Meu Senhor São José!
Tem um requebrado pro lado
Minha Nossa Senhora!
E ninguém sabe o que é!

Há tanta mulher no mundo
Só não casa quem não quer
Por que é que eu vim de longe
Pra gostar dessa mulher?
Por que é que eu vim de longe
Pra gostar dessa mulher?

Essa que tem um requebrado pro lado
Minha Nossa Senhora!
Meu Senhor São José!
Essa que tem um requebrado pro lado
Minha Nossa Senhora!
E ninguém sabe o que é!



presenciada pelo poeta Pablo Neruda, demonstrou com clara beleza como um instante de felicidade pode ser uma alegria para sempre:

O movimento dos floristas, que armavam seu mercado diário em frente ao Teatro Municipal, já havia começado quando por ali passamos de táxi, no começo da madrugada, voltando com os Neruda de um jantar após a exposição de Pancetti.

Das camionetes ali paradas descarregavam flores de todas as cores e de todos os perfumes; grandes quantidades de molhos eram manipulados por mulheres que os colocavam em latas enormes cheias d'água fresca, para serem vendidos pela manhã. — Quer parar um momento, por favor? — pediu Jorge ao chofer.

Desceu do carro, dirigiu-se a uma vendedora que acabava de completar um latão com cravos vermelhos:

— Quero esses cravos.



A vendedora, solícita, retirou um buquê da lata, sacudiu-o, estendeu-o ao freguês:

— Duas dúzias, estão lindos!

— A senhora não entendeu — disse-lhe Jorge. — Quero todos.

Pela porta aberta do táxi, uma rajada de cravos vermelhos, orvalhados, cobriu-me da cabeça aos pés. Jamais Pablo esqueceu-se dessa cena. Na última vez que o vimos, pouco antes de sua morte, ele ainda recordava: “la lluvia de claveles rojos en la madrugada...”

Quanto a mim, a lembrança dessa noite acompanhou-me sempre; ajudou-me em momentos difíceis de minha vida.

A entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados colocou em cheque a manutenção de uma ditadura no país. O regime entrou em crise e caiu em outubro de 1945. Passo importante na redemocratização do país, as eleições foram realizadas em dezembro.

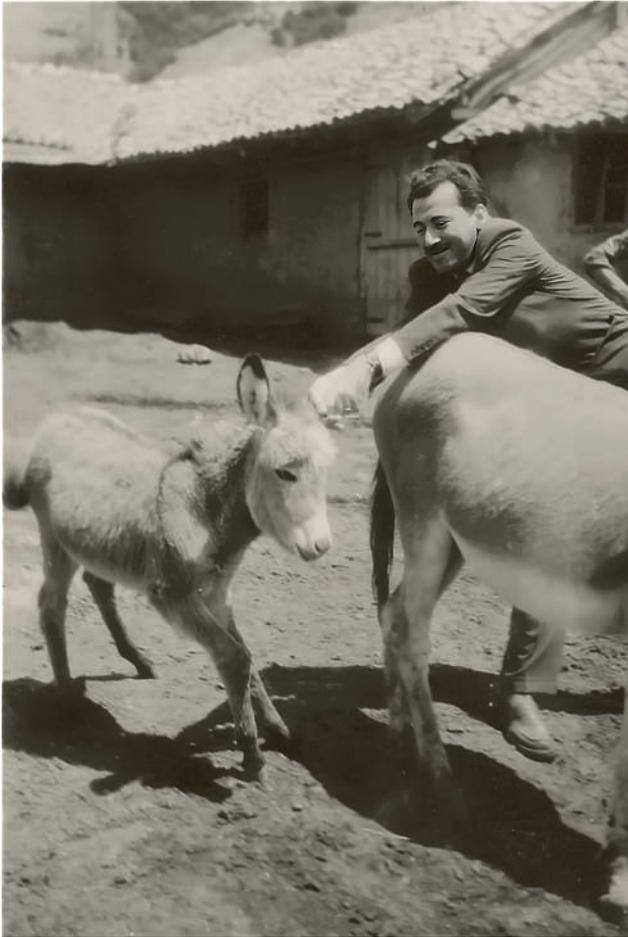


Zélia e Jorge chegam ao Rio de Janeiro e são recebidos por amigos e família de Jorge, sr. João e dona Lalu, 1946

Jorge Amado foi eleito deputado federal por São Paulo, na legenda do Partido Comunista do Brasil, para a Assembleia Nacional Constituinte que deveria redigir e votar uma Constituição democrática para substituir a do Estado Novo, de inspiração fascista.

Nos primeiros dias de 1946, o casal mudou-se para o Rio de Janeiro. A esperá-los no aeroporto estavam o coronel João Amado e dona Eulália, pais de Jorge, que residiam no Rio de Janeiro. Zélia entrou em contato com a personalidade forte de dona Eulália, Lalu na intimidade, personalidade esta forjada na convivência com três filhos varões e coronéis das plantações de cacau. Logo conheceria também o espírito gozador e a poderosa imaginação da sogra.

Zélia e Jorge compraram um sítio entre São João de Meriti e Caxias, onde passaram a residir, ao qual deram o nome de Peji de Oxóssi, e ali mantiveram plantação de laranjas e uma variada e divertida criação de animais: galos, galinhas, patos, marrecos, gansos, gatos, os cães Chuli e Ventania, o papagaio Floro, o quati Coronel, a seriema Siri e o jegue Jeremias.



A vida do casal no sítio Peji de Oxóssi, 1947. Jorge se diverte com o jumento Jeremias e Zélia reflete a felicidade do casal

Na solidão das noites do Peji de Oxóssi, durante as sessões noturnas que prendiam Jorge no Congresso, Zélia banqueteara-se com as estantes bem sortidas do romancista, lendo e relendo Cervantes, Dickens, Mark Twain, Rabelais, Tolstoi, Gorki, Balzac, Maupassant, Stendhal, Hemingway, Caldwell, Steinbeck, Faulkner, Dostoievski, Tchekhov, Turgueniev, Gogol e tantos outros.

Estirados na rede, sob o frondoso caramanchão de fícus, o casal aproveitava as tardes de domingos para ouvir música e ler poesia, dos Sonetos de Camões ao Cancioneiro Gitano de García Lorca. Liam Nicolás Guillén... *Mi Patria es Dulce por fuera, y muy amarga por dentro...* e até podiam ouvir o Neruda que declamara em São Paulo versos dos *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*: *Puedo escribir los versos más tristes esta noche....*

Liam a poesia galega de Rosalía de Castro, os espanhóis Antonio Machado, Rafael Alberti, Hernández. Os portugueses António Nobre e Cesário Verde. Dos modernos brasileiros, Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes, além de Sosígenes Costa. Nessas ocasiões, Zélia recordava poemas de Castro Alves, de Fagundes Varela, de Guerra Junqueiro, que sabia de cor, aprendidos na infância e na adolescência.

Jorge conciliava o intenso trabalho no Congresso com o novo livro que começara a escrever: *Seara Vermelha*. Zélia, ao lado, ajudava o marido, datilografando e fazendo cópias dos originais após as revisões do autor. Começava ali uma colaboração que duraria toda a vida do romancista.

O ano de 1947 teve início com a quebra da aliança entre as duas potências da época, os Estados Unidos e a União Soviética. Era o começo da chamada Guerra Fria, que repercutiu de imediato no Brasil. Desde fevereiro, havia expectativa em torno do pedido de cassação do registro eleitoral do Partido Comunista do Brasil, o que ocorreu em 7 de maio, marcando um brutal retrocesso na vida democrática do Brasil.

Em seguida, o Partido foi colocado na ilegalidade. Esperava-se a expulsão do Parlamento do senador e dos deputados eleitos na legenda do Partido. Em meio à agitação política, nasceu João Jorge, a 25 de novembro, primeiro filho de Zélia com Jorge Amado. Na manhã seguinte, mãe e filho receberam a visita do poeta cubano Nicolás Guillén, que comunicou seu desejo de ser padrinho do recém-nascido.

Nos primeiros dias de 1948, os mandados dos parlamentares foram cassados. Casas de deputados recém-expulsos eram vigiadas, residências particulares sofreram batidas policiais, parlamentares começaram a ser presos. Livros de Jorge Amado passaram a ser apreendidos como subversivos. Desmandos, retrocesso, ameaças, perseguições...

Dali a dias, Jorge Amado embarcou no navio francês Provence rumo ao exílio. Zélia iria ao seu encontro depois, com a criança.



Zélia no sítio Peji de Oxóssi, 1947

Antes de embarcar, porém, o sítio Peji de Oxóssi sofreu uma invasão policial de madrugada, acordando Zélia e João Jorge. Cinco homens da polícia política de Getúlio Vargas participaram da operação: três armados dentro da casa, de revólver em punho; outros dois do lado de fora, vigiando. Procuraram por Jorge Amado. Apreenderam o que classificaram como material subversivo, sem esquecer os livros de encadernação vermelha. Revoltada, Zélia procurou companheiros do marido no Congresso e exigiu um protesto da tribuna. Aconselhada a ficar calada para não prejudicar seu embarque ao encontro de Jorge, ela se convenceu, depois de ouvir relatos das repressões e injustiças que estavam sendo praticadas. Prometeram-lhe, no entanto, levantar a questão na tribuna da Câmara, logo que ela viajasse.

Com um bilhete de segunda classe no navio Argentina, de nacionalidade italiana, e João Jorge no colo, Zélia embarcou para a Itália, onde Jorge os esperava para depois se instalarem na França. O desembarque em Gênova trouxe evocações a Zélia.



Com João Jorge no colo, Zélia embarcou para a Europa

Daquele mesmo porto de Gênova, em 1890, meus avós — de pai e de mãe — haviam partido, em viagens diferentes para o Brasil, carregados de filhos, famílias numerosas. [...]

As duas famílias descobriram no Brasil uma segunda pátria, onde permaneceram, lutaram, amaram, multiplicaram-se em filhos e netos. Agora, tantos anos passados, uma descendente das duas famílias voltava, a primeira, por acaso eu.

Ali começou para Zélia uma intensa vida de viagens, atividades políticas, conquistas de amizades e de conhecimento; anos difíceis, mas ricos em acontecimentos, que vão constituir, no futuro, matéria com a qual a escritora construirá parte da sua literatura memorialista. Depois de cumprir compromissos políticos e percorrer algumas cidades italianas, o casal atendeu a um convite para passar as festas do Primeiro de Maio em Praga, quando também seria comemorado o terceiro aniversário da libertação da Tchecoslováquia da ocupação nazista.



Zélia anunciando a chegada de sua Paloma

A visita à “Cidade Mártir” de Lídice, aldeia arrasada pelos nazistas em 1942, produziu em Zélia o primeiro choque e a dimensão precisa do horror da guerra. De uma maneira geral, a Tchecoslováquia ainda vivia racionamento de alimentos, precariedade de transportes e toda sorte de escassez. Ao mesmo tempo, viam-se também as primeiras realizações socialistas: creches em fábricas, clubes de operários...

Em seguida, o casal compareceu a um encontro em Varsóvia, na Polônia, onde Jorge integrou uma comissão de 25 escritores, cientistas e artistas, e assinou, com Pablo Neruda — únicos nomes da América Latina —, a convocação de um Congresso Mundial de Intelectuais pela Paz, a se realizar em agosto na cidade polonesa de Wroclav. Tratava-se da primeira manifestação coletiva pela paz no pós-guerra.

A disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética pela hegemonia política, econômica e militar no mundo, dividindo-o em dois blocos, a chamada Guerra Fria, tratava-se, na verdade, de uma Paz Armada, pois os dois países estavam armados com centenas de mísseis nucleares. Uma guerra atô-



Com o filho João Jorge o casal passeia por Paris, 1948

mica poderia significar o fim da vida no planeta. Naquele conturbado cenário mundial, a paz parecia impossível.

Para quem pensava ter visto tudo de que era capaz o nazismo ao visitar Lídice, Zélia agora via Varsóvia destruída, uma cidade entre escombros, uma população mutilada a remover entulhos. As cenas angustiantes que então presenciou aumentaram sua revolta e fortaleceram sua decisão de lutar a favor da paz e contra qualquer forma de discriminação racial.

Nessa viagem à Polônia, Zélia conheceu personalidades do meio intelectual europeu que jamais sonhara conhecer: o poeta Paul Eluard, o pintor Pablo Picasso, o escritor russo Ilya Ehrenburg...

Finalmente, o casal chegou ao destino, Paris, Grand Hôtel Saint-Michel, Rue Cujas, no Quartier Latin. De grande só tinha o nome. Era, isso sim, um modesto e agradável hotel, comentaria a escritora muitos anos depois.



Em Paris, Zélia estuda Língua e Civilização Francesa na Sorbonne

A chegada a Paris no final do verão, com o espetáculo do outono europeu se anunciando, devolvia a alegria a Zélia, que saíra deprimida da Polônia. Ouvir e tentar falar o francês era um alívio, depois das línguas eslavas. Já conhecia três línguas latinas, em pouco tempo dominou mais uma.

Passou a frequentar o curso de Língua e Civilização Francesa da Sorbonne. Adquiriu, numa manhã de domingo, no *Marché aux Puces*, o famoso Mercado das Pulgas de Paris, uma pequena máquina fotográfica alemã, de fabricação antiga. Apesar de estar com o mecanismo de abrir e fechar meio empenado, funcionava, tinha boa lente e bom preço. Era o que Zélia precisava para fazer as fotos de João Jorge, que tanto desejava mandar para os avós no Brasil.

Convidados por Ilya Ehrenburg, de passagem por Paris, o casal Amado visitou Marc Chagall, o pintor russo exilado na França. Mais uma grande personalidade que a filha de seu Ernesto e dona Angelina não sonhara um dia conhecer. Ehrenburg trouxe também ao casal um convite para visitar Moscou.

Para tornar possível a ida a Moscou, entrou em cena na vida de Zélia uma jovem francesa que deveria cuidar de João Jorge enquanto durasse a viagem. Misette Nadreau, seu nome. A viagem durou um mês e tanto; Misette, no entanto, permanece até hoje na vida e no coração da família Amado.

Mais outro convite, antes da volta a Paris. Dessa vez, a Stalingrado. Outra cidade que fora totalmente arrasada mas que mudaria a face da segunda guerra mundial com a vitória dos russos sobre o exército nazista. Para quem acompanhara o dia a dia da luta através dos noticiários, era com assombro que Zélia comemorava os seis anos da vitória do povo soviético sobre o VI Exército nazista e assistia à reconstrução da cidade.

Em abril de 1949, realizou-se em Paris o Congresso Mundial da Paz, para o qual Pablo Picasso desenhou a *Paloma de la Paz*, o cartaz que eternizaria a pomba como símbolo da paz. Reunindo personalidades do mundo inteiro, do Congresso resultou a fundação do Conselho Mundial da Paz, órgão que se propunha à luta permanente pela paz, mantendo vigilância contra as ameaças de guerra, para o qual Jorge Amado foi eleito conselheiro e membro do bureau executivo.

Encerrados os trabalhos, alguns delegados estrangeiros foram destacados para falar em regiões da França. Substituindo de última hora um conferencista, Zélia foi convocada para falar em Chaumont. Foi sua estreia em comícios internacionais. *Venho de um país distante...*, foi como abriu o discurso, em que falava, com emoção, dos horrores da guerra e conclamava a paz.

O clima de camaradagem entre o casal Amado e personalidades mundiais se expandia a cada encontro, sobretudo com os poetas Nicolás Guillén e Pablo Neruda, de quem se tornaram compadres e amigos de uma vida inteira.

No verão europeu de 1949, Zélia e Jorge viajaram por países do Leste — Hungria, Romênia, Tchecoslováquia e Bulgária — e terminaram no Castelo de Dobris, repleto de hóspedes amigos e animados, para uma temporada junto a João Jorge e Misette, que os esperavam.



II. MEZINÁRODNÍ FILMOVÝ FESTIVAL
V MARIÁNSKÝCH LÁZNÍCH
17. VII. - 2. VIII. 1948

gája

Zélia em Moscou, 1948

Retornaram a Paris em agosto e foram surpreendidos com um comunicado: o governo francês havia lhes retirado o *permis de séjour*, assim como a outras personalidades de renome internacional como Pablo Neruda. Tiveram quinze dias para deixar o país e durante dezesseis anos foram impedidos de entrar na França.

A convite da União dos Escritores Tchecos, foram viver no Castelo de Dobris, onde já tinham estado de visita, a uns vinte quilômetros de Praga. Verdadeira cópia em miniatura do célebre Palácio de Versailles, o castelo pertencera a uma família de príncipes no antigo regime, que o abandonaram e fugiram para a França. Desde então, fora transformado em retiro para escritores e artistas e pertencia ao Estado.

No castelo, Jorge Amado escreveu os três volumes de *Os subterrâneos da liberdade*, e Zélia prosseguiu seu trabalho de passar a limpo e tirar cópias dos originais do livro, lutando para dominar uma máquina de escrever com teclado tcheco, a ausência de nossos acentos e todo tipo de dificuldade.

Nas folgas, passeios de bicicleta com João Jorge empoleirado num banquinho, veículo que foi trocado, no inverno, por um trenó, logo apelidado de Mocó. O fim do ano se aproximando, e a ideia de passar mais um Natal longe da família que ficara no Brasil tornava o exílio ainda mais triste. Para complicar ainda mais a vida, Misette estava impedida de juntar-se a eles e ajudar Zélia nos cuidados a João Jorge, devido ao visto negado por causa das difíceis relações entre a França e a Tchecoslováquia.

Mais uma viagem inesperada a serviço do Conselho Mundial da Paz, de novo pela Hungria, Romênia e Bulgária, dessa vez em visita curta, limitada às capitais: Budapeste, Bucareste e Sófia. Tratava-se de preparar o II Congresso Mundial, programado para novembro, na Inglaterra. Trabalhando nos preparativos do Congresso, Jorge Amado teve de interromper o romance que escrevia e Zélia a datilografia dos originais, o que tanto a encantava. Com impaciência ela aguardava o desenrolar da história de *Os subterrâneos da liberdade*.



Jorge e Zélia com o filho João Jorge, Castelo de Dobris, Tchecoslováquia, 1950

Para surpresa, o visto inglês foi negado a Jorge Amado, como a inúmeras personalidades de projeção internacional, mas concedido a Zélia Gattai, que foi, então, incumbida de viajar para tentar renovar o passaporte do marido na Inglaterra, já que isso tinha sido recusado pela Legação do Brasil em Praga, por ordem expressa do Itamaraty. Perseguido no Brasil, cassado o seu mandato de deputado, ameaçado em sua liberdade, Jorge Amado tinha também negado o seu direito de ir e vir.

A ida de Zélia ao Congresso na Inglaterra fora decidida pela direção do Conselho Mundial da Paz. O combinado era que todo aquele que tivesse recebido o visto deveria ir garantir a instalação do Congresso, mesmo que só para protestar contra a recusa de vistos a tantas figuras de renome. O cerco se fechava contra os militantes da paz, acusados de comunistas. Como previsto, o Congresso foi instalado na cidade inglesa de Sheffield, houve protestos e, em seguida, encerrado e transferido para Varsóvia. Zélia embarcou ao encontro de Jorge.

Mais importante para Zélia nesse Congresso em Varsóvia, além do encontro com amigos e do convívio com personalidades marcantes, foi o encontro de amor do qual resultou a vinda ao mundo de sua filha Paloma. Ao chegar de volta a Praga, Zélia descobriu-se grávida.

Estava no sexto mês da gravidez, quando surgiu novo convite para visitar a União Soviética. Zélia considerou o roteiro apaixonante e sentia-se bem para enfrentar a viagem. Saindo de Moscou, depois de sobrevoar o mar Cáspio e o deserto de Karakum, a primeira parada seria Tachkent, cidade árabe na arquitetura e nos costumes. A próxima, Samarkand, cenário de *As mil e uma noites*, de beleza indescritível.



O poeta Pablo Neruda, Tchecoslováquia, 1951

Na volta a Moscou, a surpresa de encontrar no hotel o poeta e amigo Neruda.

Pablo Neruda chegara a Moscou e nos fazia a surpresa de vir ao nosso encontro no saguão do Hotel Metropol.

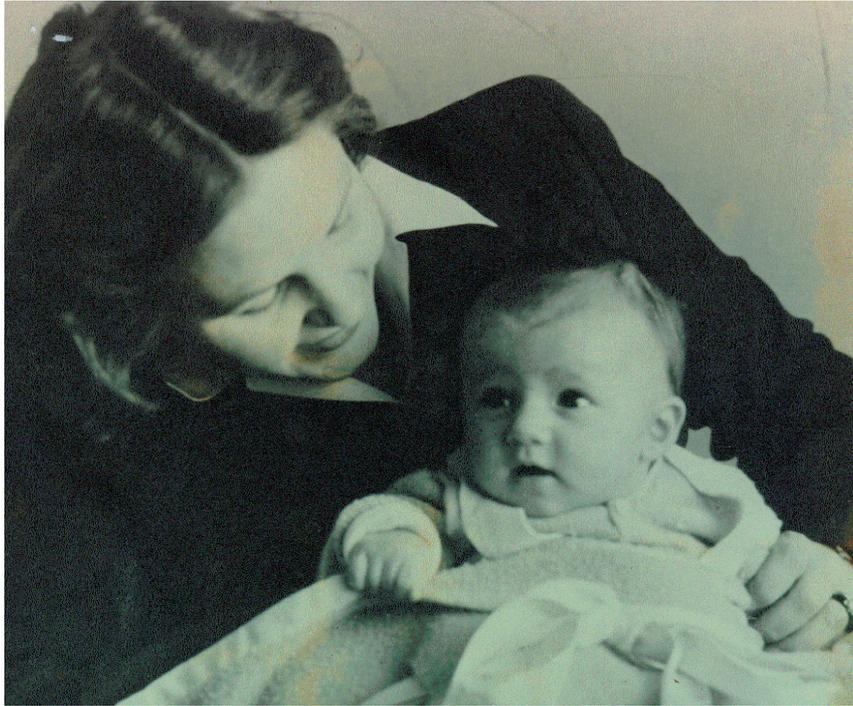
— *Cóntame cuentos, comadre!*

Sempre que nos encontrávamos, eu divertia o compadre com novo repertório de cuentos, e era sempre com um *cóntame cuentos* que ele me recebia rindo.

A situação na Tchecoslováquia tornou-se tensa. O líder comunista tcheco Rudolf Slansky e mais doze pessoas foram condenados à força. Praga vivia o terror do mais famoso dos processos de estilo stalinista, nos quais os denunciados eram obrigados a confessar crimes não cometidos. Só anos mais tarde, quando da Primavera de Praga, em 1968, a verdade viria a público e os condenados seriam reabilitados.



Jorge e Zélia, Castelo de Dobris, Tchecoslováquia, 1951



Zélia e Paloma, Castelo de Dobris, Tchecoslováquia, 1951. Foto Eva Siao.

A 19 de agosto de 1951, em uma maternidade de Praga, nasceu Paloma, logo disputada pelos padrinhos Guillén e Neruda, por coincidência os dois na cidade naquele momento. O nome Paloma tinha sido escolhido por Zélia no dia do nascimento de Paloma, filha do pintor Pablo Picasso, os muros de Paris estavam forrados com a Paloma que Picasso desenhara para o cartaz do Congresso da Paz.

Eu disse a Jorge:

— Se um dia tivermos uma filha ela vai se chamar Paloma.

Nossa Paloma nasceu dois anos mais tarde, em Praga.

Neste ano, foi concedido a Jorge Amado o Prêmio Internacional Stalin da Paz, a ser recebido em Moscou mais de um mês depois, em viagem que incluiria a China. Em janeiro de 1952, quando esta viagem foi feita, Jorge e Zélia já haviam decidido pôr fim ao exílio e regressar ao Brasil.

A entrega da medalha de ouro e do diploma do Prêmio Stalin foi realizada em cerimônia solene no grande salão da Academia de Ciências da então União Soviética.



Zélia e Jorge, primeira foto de Zélia com a máquina soviética

Nesta ocasião, Zélia adquiriu uma câmera fotográfica nova, de fabricação soviética. Decidida a obter o que havia de melhor no mercado, escolheu uma com disparador automático. A partir daquele momento, passou a fotografar com a finalidade de documentar acontecimentos e flagrantes da trajetória da vida de Jorge Amado.

Saíram de Moscou em direção à China em viagem de trem, atravessando a Sibéria, para depois tomarem um avião chinês. O Transiberiano, um trem parador, levava cinco dias até atingir o ponto final, Irkutsk, importante cidade da Sibéria oriental. O avião chinês fez um pouso na Mongólia e sobrevoou as muralhas da China, para deslumbramento dos passageiros. Zélia sentia-se ave rara passeando em Pequim, onde, naquela época, pessoas ocidentais despertavam nos habitantes grande curiosidade. Em março de 1952, retornaram da viagem à China e voaram de Moscou a Praga, onde tiveram pouco tempo para preparar a volta ao Brasil.



O poeta Nicolás Guillén e Jorge Amado na Mongólia, 1951

Embarcaram no porto de Gênova de muitas evocações, com destino ao Rio de Janeiro, levando João Jorge e Paloma.

Na volta do exílio, com Jorge e as crianças, Zélia passou a morar no apartamento dos sogros em Copacabana. Vivendo em Paris e em países do bloco soviético, Zélia havia tido a real dimensão da guerra e de seus horrores. Agora, em Copacabana, podia viver o esplendor do bairro considerado mais cosmopolita do mundo do pós-guerra.

Para o casal Amado, a militância no Partido Comunista tinha encargos nem sempre agradáveis. Jorge sacrificava seu trabalho de romancista, e Zélia, embora jamais inscrita, colaborava integrando a comissão de finanças, o que quer dizer: pedir dinheiro para um Partido na ilegalidade. Não era fácil.



A destemida queria até aprender a pilotar avião

Durante um período, Zélia realizou palestras, falando da sua experiência de vida nos países socialistas, atendendo ao grande interesse que o assunto despertava, pois poucos brasileiros tinham tido acesso àqueles mundos.

Já instalada, Zélia recebeu a visita de sua mãe que morava em São Paulo. Durante aqueles dias, a presença de dona Angelina foi uma distração para dona Eulália, que podia assim sapecar suas histórias dos filhos à nova ouvinte.

Às voltas com suas tarefas partidárias e familiares, Zélia conseguiu, no entanto, liberar-se para mais uma viagem para o Congresso Continental de Cultura realizado em Santiago do Chile, em 1953. Em Santiago, Zélia e Jorge foram hóspedes do poeta, amigo e compadre, Pablo Neruda.

Terminado o Congresso, partiram para a casa de Neruda em Isla Negra, onde as noites eram animadas com *cuentos* fantasiosos contados pelo pintor mexicano Diego Rivera que tinha fama de mentiroso, pois contava histórias mirabolantes, inacreditáveis. Nada, porém, impressionava Zélia, acostumada



Angelina e Zélia, Rio de Janeiro, anos 1950

ao convívio com a imaginação prodigiosa de dona Eulália. Um ano depois, Zélia e Jorge retornaram ao Chile para a grande festa de comemoração dos 50 anos de Pablo Neruda. Delegações de várias partes do mundo compareceram, possibilitando um verdadeiro encontro de personalidades, entre elas o escritor russo Ilya Ehrenburg, amigo fraterno do casal.

O ano seguinte, 1955, foi de grande atividade política para Zélia, apoiadora da candidatura à Presidência do ex-governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek de Oliveira — como, de um modo geral, liberais, democratas e comunistas.

Apareceu, “de oferecida”, como costuma dizer, no comitê feminino do candidato, instalado em uma loja do seu prédio, e passou a colaborar na campanha, ajudada algumas vezes por João Jorge, seu filho. Juntos distribuíam volantes, colavam cartazes em postes e paredes. Por essas atividades, Zélia foi chamada em jornal da oposição como comunista notória. Coisas da política, diria Jorge. “Política suja, nojenta!”, constatava Zélia.

Em janeiro de 1956, explodiu como uma bomba o relatório apresentado por Nikita Krushev no XX Congresso da União Soviética denunciando os



Jorge e Zélia, Isla Negra, Chile, 1954

crimes praticados por Stalin. A revelação de Krushev chocou profundamente Jorge e Zélia. Zélia perdeu o entusiasmo, entrou em conflito consigo mesma e pediu desligamento da comissão de finanças do Partido.

Não faltou no que se engajar. Em maio, Jorge Amado fundou com Oscar Niemeyer, no Rio de Janeiro, um quinzenário de literatura e arte, *Para Todos*. Artistas e escritores de alto gabarito incorporaram-se ao jornal. Sobravam entusiasmo e disposição. Achando que estava livre do pesadelo das finanças do Partido, Zélia matriculara-se na Aliança Francesa de Copacabana disposta a fazer o curso completo, quando foi convocada pelo diretor comercial do *Para Todos* para ajudar o setor de finanças. Ela conhecia as necessidades do jornal e não discutiu, foi à luta. A publicação resistiu três anos.

Nesse período, surgiu uma personagem que viria dar muitas alegrias ao casal e aos milhões de leitores de Jorge Amado mundo afora: Gabriela. Aos olhos de Zélia, que o ajudava na datilografia, o entusiasmo do romancista ao escrever *Gabriela* era inédito. Mas *Gabriela* foi interrompido para que eles comparecessem ao Conselho Mundial da Paz, que se realizaria, naquele ano de 1957, no então Ceilão, hoje Sri Lanka. De lá, seguiriam viagem com o casal Neruda: Paquistão, Índia, Birmânia, China e União Soviética.

Nessa ocasião, um Renault de segunda mão, adquirido por Zélia em 1959, a transformaria em a motorista da família. Jorge não gostou inicialmente da ideia e ameaçou não entrar em carro dirigido por ela. Matriculada em uma autoescola, Zélia passou a praticar as balizas na garagem do prédio, tendo João Jorge como orientador e Paloma como acompanhante.

Na véspera da prova, Jorge ausentou-se do Rio. Nascida e criada entre automóveis, a filha de Ernesto Gattai sentia-se na obrigação de passar no exame. Vitoriosa, ao voltar da prova com o certificado de aprovação, Zélia foi direto ao correio telegrafar ao marido: *Motorista diplomada para servi-lo*. A resposta não tardou: *Parabéns. Todo juízo é pouco*.



No Paquistão, em 1957, Zélia mostra sua coragem

No valente “renozinho” passearam pelo Rio de Janeiro o escritor português Ferreira de Castro e também o célebre casal de filósofos e escritores franceses Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Esta, ao saber por Zélia que Jorge não dirigia, pilheriou: “Somos mulheres de homens inúteis. Sartre também não dirige, nunca se interessou”.

Juntos, Zélia e Jorge, Simone e Sartre, viajaram pelo Brasil: Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Brasília ainda em construção. Foram também à reserva do povo indígena carajá na Ilha do Bananal. Como Zélia perdesse aulas na Aliança Francesa para poder acompanhá-los, Simone e Sartre resolveram dar-lhe lições particulares, às vezes até duas por dia.

A visita dos intelectuais franceses deu a Zélia a oportunidade de escrever pela primeira vez para a imprensa, assinando uma ampla reportagem de seis páginas para a revista carioca *Jóia*, ilustrada com suas fotos.

Publicou outras reportagens ilustradas com suas fotos sobre a escritora Carolina Maria de Jesus — autora do livro de grande sucesso *Quarto de despejo*



O cantor, violonista e compositor João Gilberto, Rio de Janeiro, 1962

— e um artigo para a revista *O Cruzeiro* sobre o cantor, violonista e compositor João Gilberto.

No apartamento de Copacabana, animais domésticos muito especiais continuavam a conviver com a família. Ali tiveram um periquito-de-guiné, um macho calopsita; e um corrupeirão, ou pássaro sofrê, como se diz na Bahia, chamado Pituco, que acompanhou a família na mudança para a Bahia. Pituco adorava música e aprendia com grande facilidade e rapidez.

Dez anos depois do retorno do exílio, com João Jorge rapazinho, frequentando festinhas à noite e o ambiente no Rio de Janeiro, sobretudo em Copacabana, tornando-se preocupante devido às drogas e à violência, a ideia de comprar uma casa e se mudarem para a Bahia atraía o casal. Com a venda dos direitos autorais de *Gabriela* para filme à Metro-Goldwyn-Mayer, o plano foi concretizado.

Não foi fácil encontrar em Salvador uma casa do agrado de Zélia e Jorge. Foram várias as tentativas até que optaram, enfim, por uma no bairro do Rio



Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir com o pássaro sofrê Pituco, no apartamento do casal Amado, 1960



Enfim, em 1978, Jorge e Zélia puderam celebrar seu casamento oficial.
A cerimônia foi realizada na casa dos amigos Auta Rosa e Calasans Neto

Vermelho, com enorme terreno e vista deslumbrante. E era só. Casa mesmo, teria de ser reconstruída. Adquirida em fins de 1961, só dois anos depois foi possível fazer a mudança.

Muitos amigos, artistas ou não, colaboraram para fazer da casa um lugar atrativo, capaz de prender o casal para sempre na Bahia. Finalmente, a mudança ocorreu no final do ano de 1963.

Na casa do Rio Vermelho foi montado o quartel-general da família. Era dali que eles saíam em viagem, sempre em contato com o mundo inteiro, recebendo gente também do mundo inteiro, rodeados de amigos. Ali Jorge amadureceu muitos romances, Zélia tornou-se escritora, os filhos casaram, os netos nasceram...

Com a legalização do divórcio no Brasil, Zélia e Jorge decidiram oficializar a união, após 33 anos de vida em comum, o que se deu em 13 de maio de 1978.



Os cachorrinhos pug que tanto encantavam o casal Amado

A forte ligação de Zélia e Jorge com animais domésticos fez com que a casa do Rio Vermelho quase se rivalizasse com o Peji de Oxóssi, período em que mais conviveram com bichos. Agora, a imperar absolutos, os gatos. Foram muitos: Chacha; o casal de siameses Nacib e Gabriela, de quem nasceu Vadinho; a gata persa dona Flor, ou dom Floro, pois ao crescer revelou ser macho; a gata Muchacha, cruzamento de dona Flor com Gabriela; os gatos manx, importados da Ilha de Mann: Hamlet, Ofélia e Gipsy...

Também povoaram a casa: outra seriema de nome Siri, um papagaio, um casal de cágados, a jiboia Débora, um sapo-cururu. Dos cães, merece destaque Mr. Pickwick (apelido Picuco), o mais apegado a Jorge, da raça pug, importado da Inglaterra junto com Capitu. Os derradeiros a habitar a casa foram um casal, também pug: Morita e Fadul Abdala.



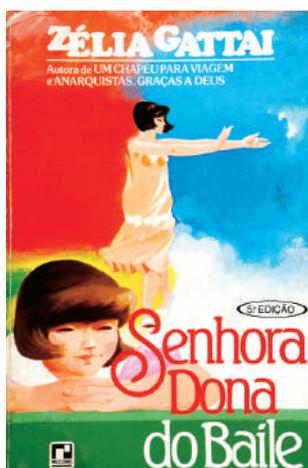
Aos 63 anos de idade, Zélia mantinha um círculo de fãs que se espalhavam pelo mundo, amigos privilegiados, ouvintes de suas deliciosas histórias. Mas foi o pedido insistente dos filhos para que escrevesse as histórias que a encorajou. Assim surgiu seu livro de estreia, em 1979, *Anarquistas, graças a Deus*, memórias de infância da filha de imigrantes italianos, menina dotada de atrevimento e sorte, de estrela, no dizer de dona Angelina. O sucesso do livro chamou a atenção da televisão, que o levou ao ar, adaptado em forma de minissérie e Zélia conquistou ainda mais público para suas histórias.

Pedindo desculpas a Jorge, Zélia abdicou de seu nome de casada declarando que muito o prezava, mas preferia assinar o livro com o nome de solteira. Não queria andar de muletas, escorada pelo famoso marido. Pensava: “se o livro agradar, que tenha sucesso pelo que ele valha, não por outro motivo qualquer”. Até então, era como se ela estivesse colhendo material. Àquela altura da vida, já tinha o que contar. Como diria, já podia escrever livros sorrindo. Do ofício, tinha aprendido datilografando o trabalho do marido, participando das correções dos originais. Teve em Jorge Amado um mestre. Juntava a isso a memória prodigiosa — nunca tomou notas.

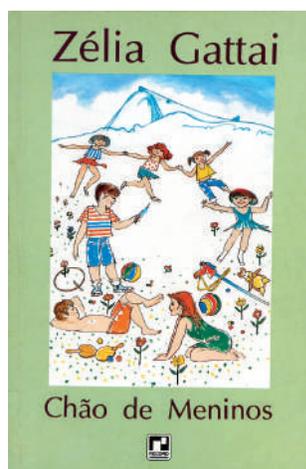
Não parou mais. No segundo livro de memórias, *Um chapéu para viagem* (1982), Zélia Gattai conta o começo de sua vida com Jorge Amado e transmite as histórias da família Amado contadas por dona Eulália, mãe do romancista. Relata a vida do casal no período de 1945 a 1948. Este livro foi, posteriormente, adaptado para teatro.



Em 1984, outro volume, *Senhora dona do baile*. Dessa vez, são as memórias do exílio na França e das viagens entre 1948 e 1949: a Europa do pós-guerra, a efervescência da vida cultural em Paris e a luta pela paz.



Salvador. A Fundação passou a ter a guarda do acervo fotográfico de Zélia Gattai, atividade de fotógrafa, que Zélia exercia desde 1952, quando



Com o passar dos anos, a residência da família Amado, a famosa casa do Rio Vermelho, tornou-se pequena para abrigar o acervo do romancista, constituído de livros — centenas de traduções em várias edições —, documentos, filmes e fotografias.

No dia em que Zélia completava 70 anos de idade, 2 de julho de 1986, foi instituída a Fundação Casa de Jorge Amado. No ano seguinte, seria inaugurada a sede da instituição, no Largo do Pelourinho, em a documentar a trajetória de Jorge Amado. A publicação, em 1987, do livro *Reportagem incompleta* registra parte dessa documentação.

Em 1988, publica *Jardim de inverno*. Nesse livro Zélia narra o exílio na Tchecoslováquia entre 1949 e 1952. O pesado cenário da Guerra Fria contrasta com a leveza da escrita, fazendo valer o doce espírito da escritora. No quarto livro de memórias, *Chão de meninos* (1992), o cenário é Copacabana nos anos 1950, década que Zélia e Jorge atravessaram no Rio de Janeiro, então capital federal. Compreende os acontecimentos da vida do casal de 1952 a 1963.

Interrompendo a série das memórias, Zélia publicou um romance, *Crônica de uma namorada*, 1995. Primeira incursão da escritora no terreno da ficção para adultos, o livro é uma homenagem ao marido, em comemoração ao cinquentenário de sua união com Jorge Amado.



Zélia assina a Ata de Instituição da Fundação Casa de Jorge Amado, Brasília, 1986

Em *A casa do Rio Vermelho* (1999), Zélia retomou as memórias a partir do ano de 1963, quando a casa da Rua Alagoínas número 33 tornou-se a residência da família Amado em Salvador, durante quatro décadas; histórias de amigos, família, viagens e acontecimentos.

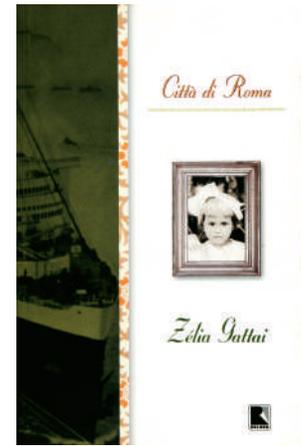
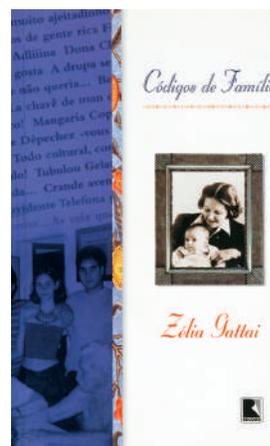
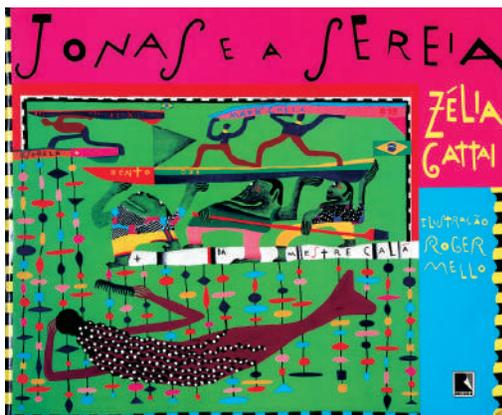
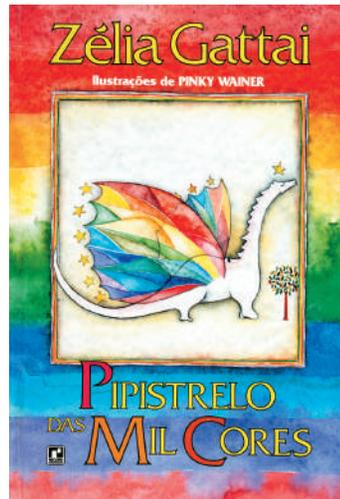
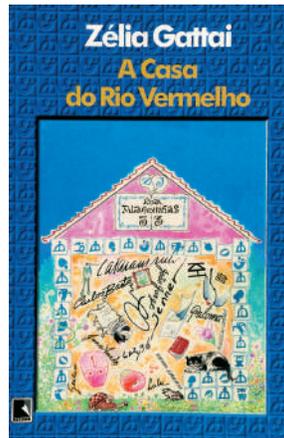
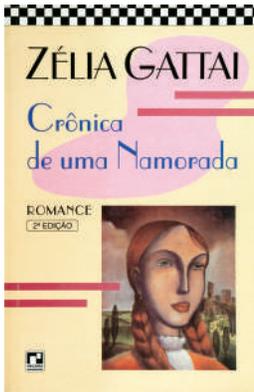
Rodeada de netos, com uma nova geração de ouvintes para suas histórias vividas, um dia a contadora de histórias sentiu vontade de inventar novas histórias e escreveu para crianças de todas as idades *Pipistrela das mil cores*, publicado em 1989, com ilustrações de Pinky Wainer.

E depois *O segredo da Rua 18*, em 1991, ilustrado por Ricardo Leite, e, por fim, *Jonas e a sereia*, em 2000, com ilustrações de Roger Mello.

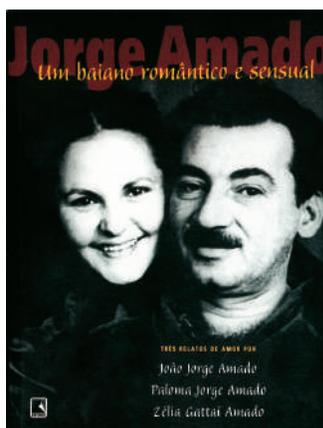
Città di Roma, publicado em 2000, dá sequência a *Anarquistas, graças a Deus*. São relatos do cotidiano da família da escritora na cidade de São Paulo na primeira metade do século passado, suas lutas e esperanças. Por coincidência, as famílias Da Col e Gattai embarcaram no mesmo navio, Città di Roma, no final do século XIX, no porto de Gênova, com destino ao Brasil.

Escrito a partir da insistência, mais uma vez, da filha Paloma e de uma lista fornecida por ela, *Códigos de família*, publicado em 2001, refere-se a ditos pitorescos, cada qual com sua história de origem, usados pela família Amado na comunicação entre eles.

Nos últimos anos de vida de Jorge Amado, Zélia encarou com determinação a doença que afetou o marido, que o impedia de ler e escrever e terminou por prostrá-lo. A companheira itinerante de um incansável soldado



da paz, como já fora chamada, deu lugar à terna filha de Euá, a valente orixá guerreira. Iniciou uma luta sem trégua para reanimar aquele que foi o seu amor de uma vida inteira.



Depois de 56 anos de união com Jorge Amado, Zélia ficou viúva em 6 de agosto de 2001. A amada por mais de meio século prestou mais uma homenagem ao marido, na esperança de trazê-lo de volta. Escreveu um relato de amor a Jorge, junto com os filhos João Jorge e Paloma. Em 2002, saiu publicado o livro de memórias ilustradas, *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor*.

Nesse mesmo ano, foi eleita para a Academia Brasileira de Letras, onde tomou posse a 21 de maio, ocupando a cadeira 23, que foi ocupada, durante quarenta anos, por Jorge Amado. Cadeira que tem como fundador Machado de Assis e patrono José de Alencar, três escritores da paixão da nova acadêmica. Em seu discurso de posse, Zélia Gattai declarou: *Sou mais de contar histórias. Essa qualidade de contadora de histórias, que, bem ou mal executo, trago no sangue*. O seu saboroso estilo de contadora de histórias ganhava o reconhecimento pela contribuição original de sua obra literária à cultura brasileira.

O ideal de transformar a casa do Rio Vermelho em Memorial Jorge Amado, para mantê-la de portas abertas, é antecedido pela escrita do *Memorial do amor* (2004), sobre as histórias da casa onde viveram 40 anos de amor e onde estão as cinzas do casal Amado, sob frondosa mangueira.

Como sobreviver à perda de Jorge? Escrevendo e conservando, tem sido a reação de Zélia. Em 2005, publicou *Vacina de sapo e outras lembranças*, memórias da luta determinada contra a doença de Jorge, sua experiência de dor e esperança, na escrita leve que já se tornou sua marca.

Desde sua estreia como escritora, as edições se sucedem. *Anarquistas, graças a Deus* ganhou edição especial, ao completar 20 anos, 200 mil exemplares e 30 edições, em 1999. Alguns de seus livros estão publicados no exterior, traduzidos para o francês, o italiano, o espanhol, o alemão e o russo.

Os títulos honoríficos se acumulam. As homenagens vêm de toda parte: da França, da Itália, de várias cidades brasileiras...

Também em 2022 foi eleita para a Academia de Letras da Bahia e para a Academia Ilheense de Letras e tomou posse.

Ao lançar seu primeiro livro, *Anarquistas graças a Deus*, Zélia Gattai recebeu o Prêmio Paulista de Revelação Literária de 1979. No ano seguinte, recebeu o Prêmio da Associação de Imprensa, o Prêmio McKeen e o Troféu Dante Alighieri. A Secretaria de Educação do Estado da Bahia concedeu-lhe a Medalha Castro Alves, em 1987. Em 1988, recebeu o Troféu Avon, como destaque da área cultural e o Prêmio Destaque do Ano de 1988, pelo



Zélia comemora os 90 anos com seus filhos Paloma, Luiz Carlos e João Jorge, 2006

livro *Jardim de inverno*. O livro de memórias *Chão de meninos* recebeu o Prêmio Alejandro José Cabassa, da União Brasileira de Escritores, em 1994.

Morre em 2008 e suas cinzas estão junto as de seu amado Jorge, debaixo de uma mangueira, na Casa do Rio Vermelho.

Festejada como escritora e como mulher, com o encanto da sua personalidade Zélia Gattai é um verdadeiro fenômeno de ser humano. Um de seus muitíssimos amigos chamou-a de “leal escudeira de Jorge Amado, um Quixote que, sem deixar de ser fiel a si mesmo, jamais perdeu também a fidelidade aos valores de sua formação — voltada para a Justiça com Liberdade”.

Tinha razão dona Angelina: a cidadã do mundo Zélia Gattai Amado — paulista de nascimento, baiana por merecimento — nasceu com a estrela.



A escritora Zélia Gattai